



Recebido em: 05/02/2019

Aceito em: 20/03/2019

Joinville: existe lugar pra macumba "am platz der Deutschen"?¹
Joinville: is there a place for macumba "am platz der Deutschen"?

Doutoranda Elaine Cristina Machado*

UFSC/Museu Nacional de Imigração Colonial

<http://lattes.cnpq.br/0521884609396867>

Resumo: Este trabalho reflete sobre as dinâmicas da cidade fortemente marcada pela atuação das igrejas Luterana e Católica, que ao longo do século XX passa a lidar com as acomodações das religiões e religiosidades afro-brasileiras. As problematizações procuram reconhecer como em meio a essas acomodações no estriado terreno religioso de Joinville aparecem formas de identificação e dizibilidades próprias dessas religiões, mesmo que estejam marcadas por alertas, silenciamentos e rejeições. Longe de darmos créditos às coincidências, passamos a reconhecer a presença de enunciados e práticas religiosas relacionadas diretamente às religiões afro-brasileiras publicadas nos periódicos joinvilenses. Assim, mapeamos um conjunto substancial de circunstâncias que apontaram a essa direção e identificamos como esse campo traia os discursos apoiados na tríade branca, cristã e europeia. Não raro, outros cenários, distantes de Joinville, eram mobilizados e serviram como alerta à população local mostrando os possíveis riscos em se deixar seduzir por aquilo que foi corriqueiramente nominado de macumba. Condição que responde a indagação selecionada para compor o título deste trabalho.

¹ A construção do título com metade da frase em português e a outra parte em alemão é uma alusão a uma prática muito comum entre as famílias com ascendência europeia em Joinville e em algumas cidades que também resultaram de um projeto colonizador semelhante ao empreendido a partir de meados do século XIX na região norte de Santa Catarina. O completo sentido da frase em português seria: **Joinville: Existe lugar pra macumba "em terra de alemão"?**

* Doutoranda em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Catarina. Educadora no Museu Nacional de Imigração e Colonização.
Contato: elainemachado.ecm@gmail.com

Palavras-chave: Macumba; Religiões Afro-brasileiras; Joinville/SC.

Abstract: This work reflects on the dynamics of the city strongly influenced by the work of the Lutheran and Catholic churches, which throughout the 20th century began to deal with the accommodations of Afro-Brazilian religions and religions. The problematizations seek to recognize how in the midst of these accommodations in the striated religious terrain of Joinville appear forms of identification and decimates proper of these religions, even if they are marked by alerts, silencings and rejections. Far from giving credence to the coincidences, we began to recognize the presence of religious statements and practices directly related to the Afro-Brazilian religions published in the newspaper of Seville. Thus, we mapped a substantial set of circumstances that pointed to this direction and identified how this field betrays the discourses supported by the white, Christian, and European triad. Not infrequently, other scenes, far from Joinville, were mobilized and served as an alert to the local population showing the possible risks of being seduced by what was commonly nominated as macumba. Condition that answers the selected question to compose the title of this work.

Key-words: Macumba; Afro-Brazilian religions; Joinville/SC.

Alertas sobre os perigos da macumba numa cidade de colonização germânica

O Resultado das “macumbas” Superstição ou ignorância? Relato de um episódio trágico A polícia em ação²

[...] O que se passa na intimidade do casal Antero Joaquim da Silva e Maria Magdalena de Souza e Silva, ninguém sabe. Verdade é que Maria Magdalena não sabia da “macumba”, onde todos os dias pedia consulta ao “pae de santo”. Este tinha sempre a mesma “lenga lenga”.

- “Eh, êh, êh, êh mian fia, naquelle trabainho vosmice continua”...

E a vida de Antero da Silva não era outra senão tomar chá pela manhã, no almoço, no jantar, a noite e até quando dormia, o pobrezinho era despertado para tomar chá.

- Para que tanto chá? – indagava elle.

- Toma meu “filho”, isto faz muito bem! – dizia lhe a mulher.

Houve alguém que correu a contar a história do chá a Antero da Silva que à noite, ao chegar em casa a primeira coisa que recomendou a mulher foi:

- Basta de tanto chá...

- Mas...

- Não tem nem mais nem menos, você vae confessar essa história.

Tal foi a ameaça do marido que Maria Magdalena confessou tudo.

Sahiram todas as precipitações da malfadada “macumba”.

Nessa altura num gesto de verdadeira allucinação, Antero da Silva, sacando um revolver, fez fogo contra a mulher que, baleada no peito, tombou, para morrer fulminantemente.

Acto contínuo, o marido assassino voltando contra si a própria arma, levando-a a altura, do ouvido direito deu ao gatilho tombando com o corpo ferido.

No momento passava ocasionalmente um soldado de nome Mentor Alves, que accudindo os estampidos correu aos fundos do trágico prédio, onde num barracão habitava o casal e alli deparou com o cadáver da mulher e do quase suicida.

As autoridades locais immediatamente se fizeram transportar ao local do crime, apprehendendo a arma, um colt, calibre 320, ainda novo.

[...]

A assassinada era de cor preta e contava 45 annos de idade, sendo que o seu marido é também preto e conta 42 annos de idade. Trabalha elle como vigia de uma casa commercial, no caes do Porto.

[...]

Pelo facto acima discriminado, pode-se observar quanta ingenuidade e simplicidade há no meio do povo, que, acredita no “Pae Santo” e em S. Cypriano...

Não só os que praticam “macumba”, mas, sim, também os que acreditam nessas baboseiras infernaes, deviam merecer as autoridades o equivalente e merecido castigo.

² **Jornal de Joinville** 01/11/1930.

O trecho citado foi extraído de uma publicação veiculada no Jornal de Joinville, de 1930, trata-se de uma publicação com o título “*O resultado das “macumbas”, superstição ou ignorância? A polícia em ação*”.³ A trama polícialasca tinha explicitamente a função de alertar para os perigos de se confiar a vida a um pai de santo, de se deixar seduzir pela macumba. O cenário era geograficamente distante de Joinville, o Rio de Janeiro; entretanto, o conteúdo cumpria a função para aquilo que fora selecionado: prevenir a cidade daquilo que o autor do texto, o editor do jornal e seu público cativo entendiam como males silenciosos.

O teor dessa publicação serviu-nos de provocação para pensar a fragilidade de alguns discursos e imagens que recaem sobre Joinville, a exemplo daquelas que sugerem ser a cidade um destino de imigrantes, cristãos (católicos e luteranos) e brancos. Contrariando a sugestão que nos conduz a uma suposta previsão de leitura do seu universo religioso, assentam-se práticas e experiências religiosas bastante plurais e que contrariam tal estatuto.

Nesse texto buscamos perseguir a presença e sublinhar as práticas religiosas afro-brasileiras, mesmo que não nominadas ou institucionalmente organizadas; o silenciamento e/ou mascaramento dessas práticas; e as negociações e resistências empreendidas a fim de fortalecer e galgar o árido e poroso terreno religioso que faz morada em Joinville.

Dirigimos nossa atenção à cidade de Joinville, que está localizada na região Norte do estado de Santa Catarina. Ao elegermos uma cidade de colonização europeia, tal qual Joinville, para empreender uma leitura, não foi difícil nos depararmos com a metáfora da grande usina em operação para explicar a cidade. A ideia de uma complexa engrenagem de uma grande usina nos permite identificar os compassos que fizeram Joinville se ver e enunciar uma cidade em franco desenvolvimento, especialmente, a partir da segunda metade do século XX. Uma cidade que a partir dos anos 1950 se experimenta e se reconhece transformada, com seu tecido urbano reconfigurado e respirando ares mais modernos.⁴

Empenhamos-nos em identificar o quão eficazes foram os esforços para manter distante a possibilidade de se reconhecer experiências afro-religiosas em Joinville. Ao passo que ousadamente sustentamos apontar que houveram iniciativas para promover o emudecimento e o apagamento de experiências religiosas relacionadas Umbanda nesta cidade de colonização germânica.

³ Esse fragmento foi publicado em 1º de novembro como continuação da publicação veiculada no dia anterior, em 31/10/1930.

⁴ Sobre os novos arranjos urbanos de Joinville e as transformações do seu tecido a partir da década de 1950 com a instalação de novas indústrias e a vinda de migrantes para a cidade, ver: GUEDES, Sandra P. L. de Camargo (org.). **História de (I)migrantes: o cotidiano de uma cidade**. 2ª ed. Joinville: Univille, 2005.

Tal leitura foi possível, pois nos deparamos com vestígios que nos seduziram a ampliar esse campo de observação. Vestígios que de diversas formas demonstram o alargamento do campo religioso nesta cidade e a coexistência de outras práticas religiosas promovendo as acomodações necessárias à sua existência.

O primeiro vestígio que encontramos apareceu como um lampejo, um alerta. Trata-se de um artigo com desdobramento em dois dias publicado no Jornal de Joinville em 1930⁵, cujo título e o conteúdo falam,⁶ e muito, sobre a maneira como a cidade e a imprensa escrita se relacionam com a diversidade religiosa, sobretudo com as religiões afro-brasileiras.

As notícias publicadas nos matutinos joinvilenses fazem chamadas e alertas, muitas vezes nada sutis, para um perigoso e desconhecido universo religioso. Essa publicação em um periódico de grande circulação na cidade nos chama a atenção não só pelo título ou pelo seu enredo, que por si só já nos seduzem a pensar sobre as motivações que levaram à sua publicação.

Duas são as questões que nos convidam a pensar sobre o texto selecionado, a primeira, como já aventamos, está contida no próprio título: aquilo que é entendido como o perigo das “macumbas”. A outra está relacionada ao contexto social descrito no texto. Uma referência direta a uma região periférica do Rio de Janeiro, em que um casal nada privilegiado economicamente deixa-se enredar pelas tramas de um pai de santo, levando a óbito a mulher. Sobre a mulher recaiu a culpa de procurar o pai de santo e de colocar em prática os trabalhos por ele orientados; por isso, ela foi punida com a privação de sua vida, foi assassinada por seu marido a quem as macumbas eram dirigidas. Ele, o assassino, do mesmo modo, atenta contra sua vida, mas sem sucesso, é flagrado e socorrido por um soldado, apresentado como autoridade imediata e como herói da trama.

Outros pontos que pesam sobre os envolvidos: a cor da pele e a ineficiência das agências de controle. A descrição do casal faz uso do nada requintado preconceito. Eles foram apontados como pobres, negros e supersticiosos. De acordo com a matéria, essa tríade é a combinação que resulta no sucesso, na aceitação e na propagação da macumba. Aos atos que provocaram essa tragédia foram atribuídos dois motivadores: a descoberta dos trabalhos e a saída de “*todas as precipitações da malfadada macumba*” e a ineficiência do controle policial.

Ao término do texto, a solução para que essa tragédia não se repita nem no Rio de Janeiro, nem em qualquer outra cidade: a punição, seja com a vida, seja com o cárcere. O castigo não deveria ser exercido somente sobre aqueles que

⁵ **Jornal de Joinville** 31/10/1930 e **Jornal de Joinville** 01/11/1930.

⁶ Tomaremos o texto como objeto de análise logo adiante.

praticavam, para ser castigado, bastava crer na eficácia, conforme alerta o impresso: *“Não só os que praticam “macumba”, mas, sim, também os que acreditam nessas baboseiras infernaes, deviam merecer as autoridades o equivalente e merecido castigo”*.

A respeito da seleção do conteúdo, a contundência de seu teor, o tamanho do texto e o espaço privilegiado destinado à sua impressão, somos convidados a pensar: por que dedicar grandes espaços em primeira página a um tema que, em princípio, não dialoga com as práticas religiosas presentes na cidade?

A presença dessa matéria em primeira página certamente não foi uma escolha inocente do editor, tampouco a simples necessidade de se ocuparem espaços vazios do periódico, caso contrário não estaria em primeira página. A referida matéria denuncia ao mesmo tempo como era encarado aquilo que escapava à lógica de ver e ler o mundo com base na ótica católica/luterana, ao passo que chamava a atenção para a presença de outras práticas religiosas na cidade.

A publicação do texto foi um claro sinal de alerta para os perigos daquilo que fora identificado como macumba e da fácil aceitação e sedução dessas práticas religiosas, especialmente entre as populações menos privilegiadas socialmente, que ocupam as regiões periféricas da cidade, entre a população negra e pobre.

Num misto de denúncia e apelo por intervenção das autoridades policiais, a matéria convoca para que providências sejam tomadas, a fim de evitar que a ingenuidade e simplicidade do povo não sejam usadas pelas lideranças religiosas capazes de manipulá-lo. Ainda que classificadas como *“baboseiras infernaes”* e *“lenga lenga”*, essas práticas pareciam assustar bastante.

Em primeiro plano e de maneira até gritante, ditando o tom da matéria, está a criminalização das religiões afro-brasileiras e o alerta para os perigos eminentes que as pessoas estão sujeitas ao se deixar envolver por um pai de santo. Fato que, de imediato, não se configura em novidade nem em Joinville, nem no restante do país, uma vez que a perseguição às religiões afro-brasileiras se apoiava em instrumentos legais. O exemplo de controle mais concreto a apontarmos seria o código civil brasileiro, respaldado e costumeiramente em estreito diálogo com a polícia e imprensa. Essas agências se tornaram importantes mecanismos de vigilância, repressão e controle.

É nesse sentido que tomamos como referência os estudos empreendidos por Maggie (1992). Suas análises tratam da repressão e da criminalização das religiões afro-brasileiras na medida em que as coerções operavam pela lógica da crença. Assim, o medo do feitiço atravessava as mais distintas camadas da sociedade

brasileira e transitava em uma via de mão dupla: servindo para provocar temores e ser temido.

Não raro, as religiões afro-brasileiras são tidas como religiões que agregam em torno de si comunidades carentes e estão geralmente inseridas nas regiões periféricas das cidades. Mas, faz-se necessário reconhecer que esse cenário, lido dessa maneira, é mais uma forma de marginalizar as referidas religiões.

No excerto que abriu este texto, o preconceito que salta às linhas e parágrafos foi manejado por seu autor para servir de arma de combate e controle social, mesmo que velado. O título não deixa dúvidas à resposta dos leitores menos atentos: “O Resultado das “macumbas” Superstição ou ignorância?”. A resposta a que os leitores foram induzidos a emitir levava em consideração as formas de tratamento dado aos personagens elencados nas páginas do periódico em questão e a maneira com que foi construído o enredo da matéria assinada por V. Nício.

Prevenções estampadas nos noticiários joinvilenses: alertas sobre os perigos da macumba

O que se vê e se leu nessas páginas do vespertino Jornal de Joinville foi uma demonstração da preocupação relativamente ao que representaria a essa cidade de colonização germânica e suas diferentes camadas sociais a aceitação e a adesão à Umbanda.

A aceitação do público leitor e o espaço na mídia impressa desses conteúdos combativos envolvendo a Umbanda são resultados de uma dinâmica social que agrega em torno de si a oferta de serviços religiosos presentes em todas as cidades do país, inclusive em Joinville; o crescimento do número de adeptos da Umbanda, mesmo que de forma não institucionalizada, somado a uma pesada legislação combativa que esteve vigente oficialmente até o início da década de 1940. Tudo isso escorado, ainda, pelas preocupações médico-sanitaristas que carregavam a chancela da ciência.

Nas primeiras décadas do século XX, os acontecimentos envolvendo outras práticas religiosas na cidade, que não encontram lugar dentro das liturgias das Igrejas Católica e Luterana, movimentaram os jornais locais e fornecem ricas fontes de notícias para pensarmos a circulação dessas manifestações religiosas por Joinville.

Ao prospectarmos notícias publicadas pelo Jornal Kolonie-Zeitung, periódico joinvilense que era publicado em alemão, identificamos que em 12 de outubro de 1926, noticiava a prisão de um grupo de fanáticos religiosos em uma cidade

próxima a Joinville. O fato ocorreu na cidade de Barra Velha, mas os detidos foram encaminhados a Joinville. Assim o jornal publicou a notícia:

Fanatiker. Ein gewisser Manoel Barbara aus Itajubá bei Barra Velha (übrigens ein übel beleumdetes Individuum, dem sogar ein im vorigen Jahr begangenen Morderversuch am Oberst Fagundes nachgesagt wird) hatte eine Anzahl von Einwohnern jener Orte um sich gesammelt und verübte mit ihnen allerhand fanatischen Unfug wie "Teufelsaustreibungen" und diversen religiösen Hokusfokus, bei dem sich die Teilnehmer die Rolle von "Heiligen", "Aposteln", "Schutzengeln" und sogar Christus und der Mutter Gottes beileigten, während der Anführer selbst unter der Bezeichnung "Monge" die allgemeine Verehrung und Gehorsam genoss. Auf Bericht der örtlichen Autoritäten hatte der Governador den hiesigen Polizeidelegado dorthin entsandt, welcher, ohne Widerstand zu finden, etwa 40 Mitglieder der Bande beiderlei Geschlechts verhaftete und am Sonnabend hierher brachte. Sie wurden zunächst im Gefängnis untergebracht. Am folgenden Tage wurde jedoch bereits ein grosser Teil von ihnen, darunter die Frauen, als ganz ungefährlich nach Paraty zurückgeschickt.

(Nota de tradução: **Fanáticos.** Um certo Manoel Barbara, de Itajuba, Barra Velha (a propósito, um indivíduo de péssima reputação, que foi inclusive denunciado no ano passado perante o Capitão Antunes por tentativa de homicídio) reuniu em torno de si um grupo de moradores daquela localidade e praticou com eles todo tipo de sandices fanáticas, como "exorcismos" e diversas mágicas religiosas, durante as quais os participantes interpretam o papel de "santos", "apóstolos", "anjos da guarda" e até mesmo de "Cristo" e "Maria, Mãe de Deus" enquanto o líder desfrutava da adoração e obediência geral. Avisado pelas autoridades locais, o governador enviou até lá o delegado de polícia de Joinville, que sem encontrar resistência, prendeu cerca de 40 membros de ambos os sexos do bando e os trouxe até Joinville no sábado. Eles foram em seguida colocados na prisão. Nos dias seguintes, um grande número deles, considerados inofensivos, incluindo as mulheres, foi enviado para Paraty.)⁷

O fato ocorrido em uma cidade litorânea, vizinha a Joinville, tornou-se caso de polícia, incluindo a participação de Adolfo Konder, no período governador de Santa Catarina. Conforme informa a nota, um destacamento policial foi enviado a Barra Velha e quarenta pessoas, entre elas mulheres e crianças, foram detidas.

O texto em alemão é carregado de dualismos. Situa diretamente os envolvidos em uma lógica maniqueísta, em que o líder religioso é apresentado como um indivíduo de péssima reputação, que inclusive já carregava denúncia por tentativa de homicídio. O líder religioso, identificado em tom depreciativo por "um certo" Manoel Barbara, foi capaz de reunir em torno de si um expressivo número de seguidores que, pelo que informa o texto, eram fiéis e obedientes.

A sanidade do grupo foi questionada, essas pessoas participaram de exorcismos e, ainda, foram envolvidas, ao que tudo indica, em diversas 'mágicas religiosas'. Há ainda o registro de que, entre essas quarenta pessoas, havia quem interpretasse papéis de santos e de outras figuras religiosas.

⁷ Tradução: Dilney Cunha.

Em primeiro plano, está posto que o texto, carregado de uma visão de mundo operada por uma lógica cristã e combativa a outras manifestações religiosas que excedem a liturgia católica e luterana, era um claro aviso dos perigos trazidos pelo fanatismo religioso. Porém, se olharmos para nota que trata da ocorrência a partir de outra perspectiva, enxergamos outras formas de acionamento do sagrado que fugiam ao enquadramento religioso apreciado e praticado pela maioria dos leitores desse jornal.

Não foi possível apurar a nomeação dessa manifestação religiosa, somente conseguiu se perceber que o fato incomodou e envolveu a classe média de Joinville. A ausência na identificação da prática religiosa noticiada pelo *Kolonie-Zeitung* pode ser atribuída à falta de familiaridade dos editores do jornal com outros universos religiosos, pela maneira como a polícia local tratou a ocorrência e ainda por uma turva autodefinição do próprio grupo e de seu líder religioso, o senhor Manoel Barbara. Esta última hipótese pode resultar de uma estratégia utilizada pelo referido líder religioso para escapar sem maiores danos das punições previstas no código penal brasileiro⁸ vigente no período em questão.

A notícia não dá conta do que se passou com Manoel Barbara após sua detenção, tampouco daqueles que ficaram detidos com ele, somente trata da liberação dos considerados inofensivos. Eles foram liberados e encaminhados de volta ao seu destino, via Paraty⁹. A nota envolvendo tal ocorrência nos convida a pensar a criminalização dessa e de outras práticas religiosas situadas nos mais diferentes espaços e tempos Brasil afora, permite pensar a lógica do controle, da intolerância e da punição, todas inclusive previstas em lei.

Tal notícia exige que consideremos que, nas primeiras décadas do século XX, as definições religiosas afro-brasileiras ainda eram, e em alguns casos e casas hoje ainda são, frágeis. Isso pode ser creditado às agências reguladoras, às práticas punitivas, às perseguições e às construções discursivas que procuraram situar a origem da Umbanda no ano de 1908. Faz-se necessário considerar que a circulação do mito fundante da Umbanda teve grande aderência nos grandes centros urbanos, ao passo que, ao mesmo tempo, podemos crer que as composições discursivas e ritualísticas da Umbanda não se propagaram concomitantemente em todos os lugares do país.

⁸ O conteúdo da legislação em questão, usada em favor da perseguição, criminalização e penalização das religiões afro-brasileiras, será tratado adiante.

⁹ No território municipal de Paraty, integravam três distritos: o da sede, o de Barra Velha e o de Itapocu. Posteriormente, o Decreto-lei estadual nº 941, de 31 de dezembro de 1943, deu ao município e ao seu distrito-sede o nome de Araquari. Fonte: Biblioteca do IBGE: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/santacatarina/araquari.pdf>. Acesso em: 01/09/2016 às 10h35.

Logo nos primeiros anos do século XX, em episódio protagonizado pelo médium Zélio Fernandino de Moraes e o Caboclo Sete Encruzilhadas, assenta-se o mito fundador da Umbanda. Contudo, é no início da década de 1940, especialmente em grandes centros, como o Rio de Janeiro, que umbandistas passam a trabalhar, especialmente após a realização do primeiro Congresso de Espiritismo de Umbanda¹⁰, para construir uma identidade de religião nacional. Para edificar essa imagem, a Umbanda aproxima-se de um parceiro com capital simbólico substancial: os espíritas kardecistas. Entre as teses aprovadas no I Congresso de Espiritismo de Umbanda está a defesa da Umbanda como uma religião branca e brasileira.¹¹

Se em grandes centros essas definições ainda eram turvas, em cidades interioranas, como Joinville, e num estado como Santa Catarina, que, ao longo da sua história esforça-se para sublinhar o êxito colonizador europeu, essas anunciações e negociações eram um universo recém-tateado.

Em outra edição, adotando outra abordagem textual, nem por isso com linguagem menos vigilante, o *Jornal Kolonie-Zeitung*, em 9 de julho de 1926, informou sobre a atuação de Mozart Teixeira, em Curitiba, na Liga Espírita do Paraná. Assim noticia o jornal:

Der Professor Mozart in Curityba. Auf Einladung des Spiritisten Bundes von Paraná war der berühmte "Professor" Mozart Teixeira, mit dem sich die Zeitungen ja schon oft beschäftigt haben, nach Curityba gekommen, wo er in dem Lokal des genannten Bundes Kranke behandelte. Von allen Wundergläubigen, resp. Wunderbedürftigen, zu denen jener Spiritistenbund wohl gehören dürfte, wird er noch verehrt und als "Theosoph" gepriesen. Zu seinen vermutlich "magnetischen" oder Suggestions-Kuren bedient er sich keener anderen Heilmittel als seiner Blicke und Handbewegungen. Die Kranken, die ihm zuströmten, zählten nach vielen Hunderten. Zu seiner Ehre muss gesagt werden, dass er von denselben keinerlei Bezahlung annimmt. Die Berichtersteller mehrerer Zeitungen, so des "O Dia" und des "Diario da Tarde" haben diesen Wunderkuren beigewohnt und übereinstimmend konstatiert, dass eine Anzahl von Kranken, die sie mit Namensnennung und Angabe der Wohnung und des Leidens aufzählen, vor ihren Augen sowie in Gegenwart einer hundertköpfigen Menge unmittelbar nach der Behandlung scheinbar vollständig geheilt waren und dieses auch selbst behaupteten. Es handelte sich meist um Fälle von angeblicher Lähmung, Taubheit oder Leiden auf nervöser Grundlage. Bei manchen soll keine vollständige Heilung, sondern nur eine Besserung des Zustandes eingetreten sein, der nach Mozarts Angabe einer Wiederholung der Behandlung bedürfe. Der "Professor" hat jedoch seine segensreiche Tätigkeit nur kurze Zeit ausüben können, da dieselbe durch ein polizeiliches Verbot inhibiert

¹⁰ Esse congresso foi realizado no Rio de Janeiro, em 1941.

¹¹ O segundo Congresso do Espiritismo de Umbanda é realizado em 28 de junho de 1961 e, nesse evento, já é possível perceber um deslocamento da imagem da Umbanda como uma religião de brancos; entretanto, é no terceiro que essa imagem é reelaborada e outras posturas passam a vigorar. O terceiro Congresso, realizado no Maracanãzinho de 15 a 21 de julho de 1973, instituiu o dia 15 de novembro como o "Dia Nacional da Umbanda", legitimando, assim, a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

wurde. Denn der Polizeichef hält es in gesetzlicher Grundlage für nötig, eine Untersuchung darüber einzuleiten, ob Mozart zur Ausübung ärztlicher Tätigkeit berechtigt ist. Uns würde noch mehr eine von medizinisch sachmännischer Seite gemachte Untersuchung darüber interessieren, ob und in wie weit sowohl die behaupteten Leiden, wie die Kurerfolge tatsächlich vorhanden waren.

(Nota de tradução: O professor Mozart em Curitiba. A convite da Liga Espírita do Paraná, o conhecido “Professor” Mozart Teixeira, com o qual os jornais já se ocuparam várias vezes, veio a Curitiba onde tratou de doentes na sede da citada Liga. Ele é louvado e tratado como “teósofo” por todos os supersticiosos e crentes, que provavelmente fazem parte daquela Liga Espírita. Para suas supostas curas “magnéticas” ou por sugestão ele não utiliza nenhum outro meio além do movimento do seu olhar e das suas mãos. Eram centenas de doentes que se dirigiam até ele. A seu favor deve ser dito que ele não aceitava nenhum pagamento. Os repórteres de vários periódicos, como “O Dia” e o “Diário da Tarde” presenciaram essas curas milagrosas e constataram de forma unânime que uma parte dos doentes, que deram seus nomes, endereços e doenças, claramente foi de imediato e totalmente curada diante de seus olhos e na presença de uma multidão de centenas de pessoas após o tratamento e ele próprios o afirmavam. Tratava-se sobretudo de casos de suposta paralisia, surdez ou problemas do sistema nervoso. Para muitos não ocorreu uma cura total mas apenas uma melhora do seu estado, o que exigia um novo tratamento da parte de Mozart. O “Professor” porém pode praticar sua exitosa atividade por apenas um curto tempo, pois foi impedido por uma proibição policial. *O chefe de polícia achou necessário, baseado em motivos legais, iniciar uma investigação para saber se Mozart tinha autorização para praticar a Medicina. A nós interessaria mais uma avaliação por parte de um médico, se e até onde as supostas alegadas doenças/dores e os resultados das curas realmente ocorreram*).¹² (grifos meus.)

Antes de tratarmos da maneira como o jornal se referiu à atuação de Mozart Teixeira, gostaríamos de chamar a atenção para as aspas atribuídas à sua atuação profissional. A atuação de Mozart Teixeira, especialmente nos anos 1920, era bastante conhecida. O médium trabalhava com práticas de cura em um barracão de uma estação ferroviária no pequeno município de Recreio, localizado na Zona da Mata do estado de Minas Gerais, nas vizinhanças com o estado do Rio de Janeiro.

Sua atuação foi tão intensa e reconhecida que passou a fazer incursões em diversas cidades do país, incluindo cidades do Sul, como Porto Alegre e Pelotas. Além de Curitiba, conforme anuncia o jornal Kolonie-Zeitung.

Registros filmográficos da sua atuação como médium de cura foram feitos em 1921. As curas milagrosas do professor Mozart foram transformadas em documentário que tomou como base esse registro visual e toda a divulgação das curas mediúnicas realizadas no Centro Espírita de Recreio. O registro foi feito pelo Jornal Vanguarda, por intermédio do jornalista Rubey Wanderley.¹³

¹² Tradução: Dilney Cunha.

¹³ O documentário intitulado “As curas do professor Mozart” foi restaurado pela Cinemateca Brasileira no projeto “Resgate do Cinema Silencioso Brasileiro”, com financiamento da Caixa Econômica Federal, no biênio 2007-2008. A produção original é de 1924 e seu circuito exibidor compreendeu as cidades de São

O registro da passagem do professor e espírita Mozart Teixeira feito pelo jornal joinvilense, que, de maneira escancarada, classifica aqueles que procuraram o referido médium como sendo supersticiosos e crentes, coloca em cheque, inclusive a credibilidade não só de Mozart Teixeira, mas da Liga Espírita Paranaense, que recebeu o médium na ocasião.

O jornal Kolonie-Zeitung ainda registra que outros veículos de imprensa cobriram a presença do médium em Curitiba; esses veículos constataram que os doentes atendidos pelo professor Mozart tiveram sensíveis sinais de melhoras.

Não obstante, ao final da publicação fica o registro de impedimento da atuação de Mozart Teixeira por parte das autoridades policiais locais. E, ao encerrar a matéria, restou a indagação de que se realmente as curas praticadas pelo professor Mozart Teixeira foram ou não exitosas.

É especialmente a última parte da nota que nos chama a atenção. Inicialmente a naturalidade com que foi encarada a privação do médium de exercer suas atividades. A interrupção procedida pelo chefe de polícia visava cumprir o código penal brasileiro de 1890, vigente até 1942. O Código Penal brasileiro de 1890 apresenta profundas contradições relativamente à laicização do Estado anunciada na Constituição brasileira de 1889, especialmente nos conteúdos presentes nos artigos 156, 157 e 158.¹⁴

Essa estrutura legal expôs, até a sua vigência, os espíritas kardecistas, e toda a comunidade religiosa afro-brasileira a uma situação de fragilidade, facilitando prisões e perseguições. Certamente, de todos os mecanismos de controle e perseguição, esse, amparado em uma estrutura legal, foi o mais eficiente. Funcionou para aqueles que foram considerados fanáticos em Barra Velha

Paulo, em 17 de novembro de 1924, no Cine República. Também foi exibido em Curitiba em dois momentos: em 8 de dezembro de 1924, no Mignon, e em 27 de dezembro de 1926, no Palácio.

Fonte: Ministério da Cultura. Cinemateca Brasileira. <http://cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=P&nextAction=search&exprSearch=ID=002592&format=detailed.pft>. Acesso em: 28 ago. 2016 às 16h30.

¹⁴ Artigos referentes às práticas religiosas consideradas criminosas, excluindo-se às respectivas penas: Art. 156. Exercer a medicina em qualquer dos seus ramos, a arte dentaria ou a pharmacia; praticar a homeopathia, a dosimetria, o hypnotismo ou magnetismo animal, sem estar habilitado segundo as leis e regulamentos: Paragrapho unico. Pelos abusos commettidos no exercicio ilegal da medicina em geral, os seus autores soffrerão, além das penas estabelecidas, as que forem impostas aos crimes a que derem causa. Art. 157. Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilegios, usar de talismans e cartomancias para despertar sentimentos de odio ou amor, inculcar cura de molestias curaveis ou incuraveis, emfim, para fascinar e subjugar a credulidade publica: § 1º Si por influêcia, ou em consequencia de qualquer destes meios, resultar ao paciente privação, ou alteração temporaria ou permanente, das faculdades psychicas: § 2º Em igual pena, e mais na de privação do exercicio da profissão por tempo igual ao da condemnação, incorrerá o medico que directamente praticar qualquer dos actos acima referidos, ou assumir a responsabilidade delles. Art. 158. Ministrar, ou simplesmente prescrever, como meio curativo para uso interno ou externo, e sob qualquer fórma preparada, substância de qualquer dos reinos da natureza, fazendo, ou exercendo assim, o officio do denominado curandeiro: Paragrapho unico. Si o emprego de qualquer substancia resultar á pessoa privação, ou alteração temporaria ou permanente de suas faculdades psychicas ou funções physiologicas, deformidade, ou inhabilitação do exercicio de órgão ou aparelho organico, ou, em summa, alguma enfermidade.

e funcionou, talvez sem a mesma contundência, para o professor Mozart Teixeira e para aqueles que o procuravam. A via mais acessada para esse controle e a perseguição a esses universos religiosos tinha o aval, travestido de novidade e curiosidade, da imprensa escrita.

Fica evidente que o combate ao exercício ilegal da medicina, à feitiçaria e ao curandeirismo, que eram considerados práticas mágico-curativas, fazia parte de um projeto republicano de manutenção da ordem pública. Principalmente, quando vemos alargados os horizontes dos integrantes da sociedade brasileira que acompanharam a instalação do novo regime instaurado. Sob essa ótica, passam a integrar essa nova ordem política e social ex-escravos afrodescendentes, indígenas e imigrantes de diferentes procedências que precisavam ser enquadrados em normas, princípios e leis que embalavam o país nesse momento.

Notícias de cidades vizinhas continuavam a pautar a imprensa em Joinville. Mais uma vez um evento que ocorreu em Curitiba estampa um jornal em Joinville. O jornal de Joinville relata uma cura espírita desenvolvida por um médium na capital paranaense. O registro desse jornal dá conta de uma pessoa com dores no estômago, sofrendo há nove anos e que se submeteu a um procedimento de cura, tendo retirado de seu estômago um corpo estranho de 70 centímetros.¹⁵

Pequenas inserções, umas mais evidentes, outras nem tanto, a propósito do espiritismo, colocando Joinville como cenário das notícias também se faziam presentes nos periódicos locais. Uma pequena nota publicada em 30 de setembro de 1938, sem assinatura, sem destinatário certo ou conhecido apenas registrava:

“A Luz”

Recebemos o número 5 de “A Luz”, órgão de circulação mensal que vem reaparecer na vizinha cidade de S. Francisco do Sul e que continuar às pregar sobre a Doutrina Espírita Christã.¹⁶

O fato é que Espiritismo Kardecista tinha um grande número de adeptos em São Francisco do Sul¹⁷, e essa comunidade em Joinville também crescia substancialmente. A tímida inserção dessa nota nesse veículo de comunicação

¹⁵ **Jornal de Joinville** 01/09/1938.

¹⁶ **Jornal de Joinville** 30/09/1938.

¹⁷ Antes da delimitação das 25 léguas quadradas de terras que foram entregues como dote de casamento ao príncipe de Joinville, recebido na ocasião do seu casamento com a princesa Dona Francisca, que formaram a Colônia Dona Francisca, as terras integravam a vila Nossa Senhora da Graça do Rio São Francisco, hoje São Francisco do Sul. Por ser uma cidade litorânea e abrigar um porto, os desembarques de imigrantes que vinham para a Colônia Dona Francisca eram feitos em São Francisco do Sul. Dali também chegavam e saíam as mercadorias que abasteciam a economia da referida colônia. A situação de dependência comercial entre a antiga colônia Dona Francisca e São Francisco do Sul era bem estreita. A baía da Babitonga, que ligava São Francisco do Sul à Colônia Dona Francisca, era uma das vias de comunicação mais utilizadas na região. Era muito comum que as notícias da cidade vizinha circulassem em Joinville. Condição que explica a veiculação desse anúncio no *Jornal de Joinville* em setembro de 1938. São Francisco do Sul sedia o Centro Espírita Caridade de Jesus, espaço que figura entre os centros espíritas mais antigos do Brasil.

parece-nos uma forma muito sutil de alcançar os espíritas de Joinville sem fazer muito alarde. A opção de veicular essa notícia alcançaria muitas pessoas, dada a grande aceitação e consumo de jornais na cidade. Por outro lado, a tímida manifestação não poderia ser vista como uma afronta, pois humildemente só informava o retorno de uma publicação mensal que já havia circulado; portanto, não feriria a legislação brasileira.

No contexto da publicação da referida nota, o Espiritismo Kardecista no Brasil passava por intensas perseguições devido aos aparatos legais e repressivos, como já expomos. Na prática, florescia por todo o país intensas investidas das autoridades policiais, que, na sanha de cessar a propagação do espiritismo e de outras práticas religiosas, realizavam intensas e violentas diligências. Essas ações de repressão não raras vezes ganhavam espaços nas páginas dos grandes e pequenos veículos de imprensa.

Os jornais operavam oportunamente uma maquinaria bem azeitada, a partir da polêmica gerada por essas notícias ampliavam a venda de impressos, fidelizavam seu público, expunham seus valores e defendiam seu ponto de vista, formando opinião. Porém, todo esse movimento deixava transparecer um mercado religioso em franca ascensão.

Seja por meio de uma linguagem combativa e, em alguns momentos, até como estratégia de marketing, o vocabulário próprio das religiões afro-brasileiras serviu para movimentar a cidade, o que endossa nossa defesa de que essa cidade de colonização germânica há muito convivia não só com as dizibilidades afro-religiosas, mas também com as práticas atinentes a essas religiões.

Outras enunciações afro-religiosas em Joinville

Uma casa comercial de Joinville que fez o uso nada tímido do termo macumba e de seus significados para atrair sua clientela. O emprego da palavra macumba numa estratégia de marketing nos pareceu curioso, porém capturamos esse anúncio para além de uma estratégia para alavancar as vendas.



Figura 1 - Anúncio da Casa Zattar "Alerta pessoal Bom"

Esse anúncio nos permite entender que esses termos e práticas não participavam de um cotidiano extraordinário, pelo contrário. Eles circulavam com certa naturalidade por Joinville, fato que preocupava e deixava temerosa boa parte da comunidade estabelecida.¹⁹

A Casa Zattar estava localizada na Avenida Getúlio Vargas²⁰, via que liga o centro da cidade à zona sul, e era um dos comércios mais tradicionais de Joinville. De propriedade de uma tradicional família joinvilense, parece não ter se importado, mesmo que flertando com o humor, de reconhecer que macumba eles não sabiam fazer, mas que seus preços foram derrubados. É o efeito da propaganda que nos chamou a atenção nesse anúncio, seu alcance e a recepção do público que o acessou, ato que contribuía para a popularização e aceitação dessas experiências religiosas em Joinville.

¹⁸ **Jornal A Notícia** 18/07/1932.

¹⁹ Aqui nos referimos às famílias teuto-brasileiras, donas de um considerável capital intelectual e financeiro que não mediram esforços em preservar a sua memória e de seus ascendentes.

²⁰ Após a construção da estação ferroviária, no início do século XX, o comércio se interessou pela promissora Avenida Getúlio Vargas, que passou a se destacar por suas alfaiatarias e lojas de tecidos.

Em meio às nossas prospecções, identificamos que, ao longo de trinta anos²¹, se avolumam ofertas de serviços religiosos nos principais jornais de circulação local; entretanto, há uma abertura maior para a oferta de serviços ligados ao universo espírita e àquilo que os jornais chamam de “práticas ocultas”. A maioria dos anúncios por nós prospectados ofertavam gratuitamente consultas, pedindo apenas que a pessoa remetesse correspondência com os sintomas, nome completo e idade para a Caixa Postal 2538, no Rio de Janeiro.²²

O anúncio que trazia esse mesmo endereço seguia o mesmo padrão em todas as publicações e assim se apresentava:



Figura 2 - Anúncio de consulta gratuita (Rio de Janeiro).

Além de anunciar a gratuidade do serviço, a oferta igualmente proclamava seus princípios norteadores “Charitas e Humanitas”, termos derivados do latim: Caridade e Humanidade. A presença constante desses dois termos, além de apontar para o pilar de sustentação desse serviço religioso, ainda garantia seu espaço e aceitação em Joinville.

Mesmo que a destinação dessas correspondências fosse o Rio de Janeiro, a oferta era direcionada à população de Joinville, que passava a contar não só com serviços prestados na capital federal, mas também na própria cidade.

Em Joinville, a professora Anita, recém-instalada em uma residência no centro, situada na Rua Tijucas, nº 401, oferta seus serviços em um anúncio de jornal. Pequenos e objetivos seus anúncios garantiam que ela “tinha o poder de conhecer o futuro de qualquer pessoa”²³.

A propaganda de seus serviços, mesmo que em uma curta frase, ressoava de maneira muito eficiente, pois combinava em uma mesma oração o poder do conhecimento e o futuro de qualquer pessoa. Outra questão a ser tratada com

²¹ Operamos aqui fora do recorte eleito em nossa pesquisa, situada nas décadas de 1960 e 1970, mas julgamos muito sintomáticas as ofertas de serviços religiosos intensamente presentes nos jornais desde o final dos anos 1930. A exemplo dos anúncios veiculados no Jornal de Joinville nas edições dos dias 23/06/1938, 10/07/1938, 6/08/1938, 01/11/1938, 05/11/1938, 15/12/1938.

²² Esses anúncios apareciam em grande frequência no Jornal de Joinville, conforme pode ser observado em diversas edições dos anos de 1938, 1944, 1947, 1953, 1956 e 1961. A permanência por tanto tempo nas páginas desse periódico possibilita identificar uma constância na aceitação e uma procura pelos referidos serviços.

²³ Jornal **A Notícia** 05/05/1951.

muito cuidado não está ligada à eficácia de seus serviços, ou à sua matriz religiosa, pois, em primeira instância, poderia o anúncio estar relacionado a uma prática oracular e sem conexões com a Umbanda ou com qualquer outra religião afro-brasileira.

Há que se ler o anúncio e relacioná-lo com sua aceitação em meio ao mercado religioso que estamos tratando. Ora, estamos caminhando pelas reticências e resistências de uma cidade de colonização germânica que vê e mantém distantes as relações com os que vêm de fora, com o outro, o diferente, o novo e toda a série de elementos afro-brasileiros que se agregam a esse conjunto.

Para as famílias de origem²⁴, a professora Anita era uma forasteira, veio do Rio de Janeiro e instalou-se numa região central da cidade, a Rua Tijucas, que, na década de 1950, era ocupada, em sua maioria, por residências de famílias tradicionais germânicas que, além de cultivarem belos jardins, se empenhavam em cultivar o *ethos* germânico.

Se de um lado temos os periódicos locais abrindo espaços às ofertas de serviços ligados a outros universos religiosos que não só o católico ou luterano, de outro, conseguimos observar também espaços cedidos às posturas combativas a essas práticas, exercitadas principalmente por lideranças religiosas católicas.

De maneira bastante marcante, é possível ver a cidade experimentando outros cenários a partir da década de 1950. Esses novos prados mostravam-se cada vez mais plurais e, por isso, eram motivos de preocupações.

Notadamente, a maior influência do mercado espírita em Joinville vinha da então capital do país, o Rio de Janeiro. Os jornais locais refletiam não só a abundância de ofertas de serviços religiosos, como também a concorrência. Na sequência, apresentamos mais um anúncio; porém, diferentemente de outras propagandas envolvendo esse mesmo serviço, este não ocupava a página de classificados, estava estampado na quarta página, em evidência, juntamente com o conteúdo dedicado à economia. Ainda que ocupando modesta localização na diagramação, o fato de tal anúncio se encontrar em local de destaque merece que tomemos nota.

²⁴ Família de origem é a forma costumeira como as pessoas nascidas em Joinville e com ascendência germânica identificam-se perante aqueles que vêm de fora, os migrantes. É uma espécie de marca distintiva.

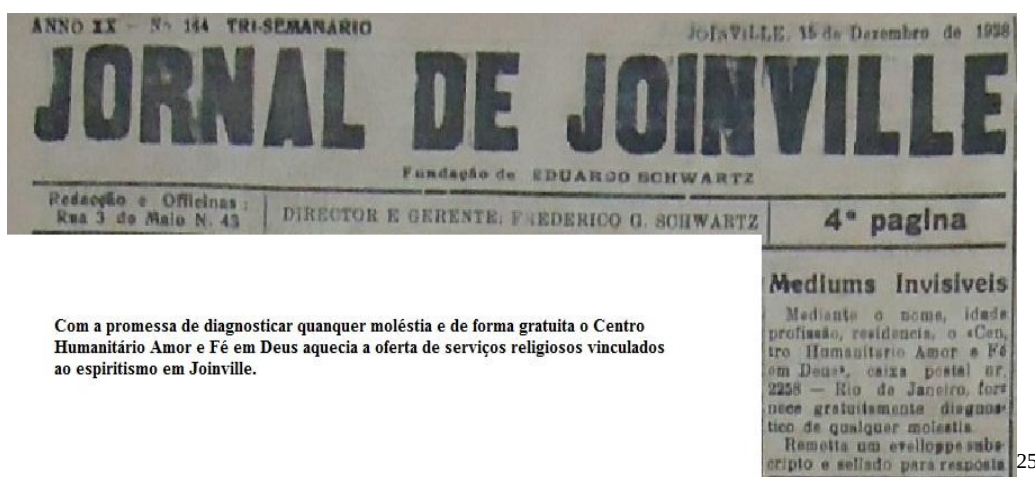


Figura 3 - Médiuns invisíveis (Rio de Janeiro)

Em outra publicação, veiculada em 1954, o Jornal A Notícia, em primeira página, emite mais um alerta sobre os perigos em se aventurar por paisagens nada seguras. A matéria carregava o título: “Não se pode ser católico e espírita a um só tempo”²⁶, trata-se de uma pauta construída a partir de uma carta pastoral dos bispos gaúchos e dirigida aos fiéis daquele estado, sendo seu conteúdo reapropriado e endereçado aos católicos de Joinville. O texto contou com declarações de D. Helder Câmara²⁷, que endossou a postura dos clérigos, pois, segundo ele, refletia uma postura de toda a Igreja brasileira.

Declara D. Helder Câmara:

Nossa campanha é sobretudo de orientação das consciências cristãs, de vez que o espiritismo tem habilidades de apresentar-se como compatível com a religião católica. Os “médiuns” rezam o Pai Nosso e *o espiritismo se aproveita de nossos santos*. Estamos provando aos católicos - finalizou - que o espiritismo nega um a um todos os mandamentos de nossa religião.²⁸ (*Grifos nossos*)

A campanha que nasce no Rio Grande do Sul e se estende a outras regiões, incluindo Joinville, é reflexo de uma intensa combatividade às nada tímidas migrações de católicos para outros credos. A postura que embala essa campanha certamente se ampara na tentativa de frear o crescente número de espíritas. Contudo, há de se observar que o texto carrega uma acusação: “Os “médiuns” rezam o Pai Nosso e *o espiritismo se aproveita de nossos santos*”. Tal afirmação nos dá subsídios a indagar: a que espiritismo o bispo se referia? Certamente

²⁵ Jornal de Joinville 15/12/1938.

²⁶ Jornal A Notícia 07/03/1954.

²⁷ Na ocasião D. Helder era bispo auxiliar do Rio de Janeiro.

²⁸ Jornal A Notícia 07/03/1954.

estamos diante de um jogo de combate duplo, com o mesmo discurso visava combater aqueles que frequentavam o Espiritismo de Umbanda e o Kardecista.

As pautas religiosas que ocupavam os periódicos que circulavam em Joinville, ora revestidas de um caráter informativo, ora combativo, denunciavam um universo religioso plural e com amplo alcance.

Não acreditamos que a presença do texto de D. Helder foi mais uma escolha desinteressada dos editores responsáveis por esse periódico, pelo contrário. Cremos que nenhum conteúdo que estampa as páginas dos veículos de imprensa, em nenhum momento da história, é uma escolha ingênua.

Sobre essa mesma constatação nos chama a atenção Luca (2005), quando assinala que o conteúdo presente nos periódicos intervém diretamente na vida social, pois esses veículos de comunicação não são transmissores imparciais de acontecimentos, ou seja, defendem grupos e ideologias dentro do contexto em que estão inseridos.

Nas páginas dos jornais da cidade estavam imagens e fatos elaborados, fundamentados em seus referenciais e valores, próprios de uma visão de mundo que opera dentro de uma lógica institucional, cristã católica ou luterana. Seja por meio de publicações em português, seja em alemão, os conteúdos abordados denunciavam um universo religioso mais plural do que a imprensa e os operadores de discurso local fazem crer que existisse.

Considerações Finais

A imprensa escrita passa a ser a intermediadora daquilo que é julgado desconhecido e daquilo que deve ser prevenido. Seu alerta tem duplo sentido primeiramente, estabelece os limites dos terrenos que podem ou não ser transitados; em segundo lugar, denuncia a existência de outros universos religiosos.

Essas narrativas, textos e anúncios tratavam, sobretudo, de experiências vividas por moradores que estavam na e pela cidade. Deixaram escapar certa dificuldade em lidar com as mudanças que desarticularam aquilo que parecia estável.

O quadro que delineamos neste texto alimentou-se da tensão entre o imperativo de forças direcionadas ao apagamento e a opacidade das religiões afro-brasileiras e o movimento contrário a essas forças. Movimento que não só comprova a porosidade do campo religioso nessa cidade de colonização germânica, mas que deixa transparecer uma engenharia que demonstra que o sagrado afro-religioso em Joinville teima em existir.

Para compormos esse quadro e chegarmos a essas constatações, trilhamos aquilo que não estava aparente, interrogamos diferentes temporalidades e marcadores impressos nas páginas de jornais, pois entendemos que impera a impossibilidade de datar com precisão o surgimento das religiões afro-brasileiras em Joinville.

Há que se considerar que esse também não é um movimento espontâneo, pelo contrário. São as pessoas que encontram sentidos nessas religiões e começam a praticá-las. Outro exercício que se fez necessário foi pensarmos o quão atentos estavam os veículos de comunicação, aqui destacamos a imprensa escrita, para esses enunciados que aqui e acolá passavam a compor o cotidiano de Joinville.

Por mais insistentes que tenham sido os mecanismos empregados na tentativa de desacreditar a existência e em muitas situações a eficácia de outras manifestações religiosas, as publicações que prospectamos mostram não só o interesse dos leitores joinvilenses nessas pautas, mas, do mesmo modo, a mobilização da imprensa local em combater essas forças desconhecidas, baseada em suas conveniências.

Essa paisagem e todas as intersecções relacionadas diretamente ao campo religioso em Joinville nos atraíram a investigar e problematizar os obstáculos enfrentados pelos agentes operadores de discursos diante das mudanças trazidas pelas novas composições da paisagem urbana. Esses agentes edificando, gestando e compondo espaços de memória investiram pesada artilharia para manter viva uma memória germânica, laboriosa e cristã da cidade, desacelerando as novas formas de dizer e viver em Joinville.

REFERÊNCIAS

Periódicos/ Legislação Consultada

Jornal A Notícia 05/05/1951.

Jornal A Notícia 07/03/1954.

Jornal A Notícia 07/03/1954.

Jornal A Notícia 18/07/1932

Jornal de Joinville 01/09/1938.

Jornal de Joinville 01/11/1930.

Jornal de Joinville 15/12/1938.

Jornal de Joinville 30/09/1938.

Jornal de Joinville 31/10/1930.

Jornal Kolonie-Zeitung 12/10/1926.

Jornal Kolonie-Zeitung 9/07/1926

Decreto-lei estadual nº 941, de 31 de dezembro de 1943.

BRASIL. Decreto n. 847, de 11 de outubro de 1890. Código Penal de 1890. CLBR - Coleção de Leis do Brasil, Rio de Janeiro, DF, 31 de dez. de 1890.

Sítios eletrônicos

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/santacatarina/araquari.pdf>.

Acesso em: 01/09/2016 às 10h35.

Ministério da Cultura. Cinemateca Brasileira. <http://cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=P&nextAction=search&exprSearch=ID=002592&format=detailed.pft>. Acesso em: 28 ago. 2016 às 16h30.

Bibliografias

GUEDES, Sandra P. L. de Camargo (org.). **História de (I)migrantes: o cotidiano de uma cidade**. 2ª ed. Joinville: Univille, 2005.

ISAIA, Artur Cesar; MANOEL, Ivan Aparecido (org.). **Espiritismo e religiões afro-brasileiras: história e ciências sociais**. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

KLUG, João. Confessionalidade e etnicidade em Santa Catarina: tensões entre luteranos e católicos. **Revista de Ciências Humanas Florianópolis**. v.16 n.24 p.111-127 out. de 1998.

LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MACHADO, Gerson. **OS ATABAQUES DA MANCHESTER:** Subjetividades, Trajetórias e Identidades Religiosas Afro-brasileiras em Joinville/SC (1980-2000). Itajaí: Casa Aberta, 2014.

MAGGIE, Yvonne. **Medo de feitiço:** relações entre magia e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Entre a Cruz e A Encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

ORTIZ, Renato. **A Morte Branca do Feiticeiro Negro:** Umbanda e Sociedade Brasileira. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1999.

PARÉS, Luis Nicolau. **A Formação do Candomblé:** história e ritual da nação jeje na Bahia. 2ª ed. Ver. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no Vale do Itajcú-Mirim.** Porto Alegre: Movimento, 1974.